
FICÇÕES (LITERÁRIAS): DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

Martha Alkimin
Doutora em Letras
(PUC-Rio)

O interesse desta tese é o de refletir sobre a textura ficcional que reveste e constitui toda a práxis humana, com a finalidade de relativizar a idéia de que as ficções não vivem sob a jurisdição exclusiva da literatura. Mais do que isso, o saber construído pelas ficções literárias, ao facultarem a possibilidade de nos experimentarmos esteticamente como outro, pela ativação de uma relação específica com o imaginário, potencializa a constante (re)invenção do homem e do mundo, na fabulação de seus destinos como diferença e como devir.

Nesse sentido, a literatura - espaço por excelência das ficções - pode ser pensada numa dupla e simultânea articulação: como sistema de construção de realidade e de conhecimento. Em outras palavras, ao engendrarem mundos alternativos ao da realidade objetiva, ao exercerem uma ação modeladora que revira e questiona as distinções de nossos modelos de referência, as ficções literárias compõem arranjos imprevisíveis e afirmam o mundo, a verdade e a realidade sempre como uma possibilidade aberta.

Dessa forma, a partir da categoria do estético e dos estudos dos procedimentos de estetização superficial e profunda, no recorte estabelecido pelo filósofo Wolfgang Iser, que o delimita como uma instância modeladora de realidades, e considerando que as ficções manifestam-se além dos textos ficcionais, espraiando-se, revestindo e constituindo todas as nossas formas de saber e de agir, é possível colocar em causa tanto a ficcionalidade de nossas categorias de análise e do próprio estatuto dos

fenômenos que observamos, quanto a insustentabilidade das acepções que associam as ficções literárias a um contra discurso da realidade e da verdade, por seu suposto caráter de ilusividade, de artificialidade embusteira ou de falácia.

A condição ficcional de todas as nossas práticas informa que aquilo que nomeamos por realidade e verdade designa tão- somente nossas versões do mundo que dão enquadramento às vivências e às interações individuais e coletivas, organizadas em modelos de realidade sistematizados pela cultura.

Nesse marco, e em articulação com a produção, na atualidade, de ficções sociais, culturais e midiático-tecnológicas, é possível também observar o quanto nosso entendimento do que vem a ser realidade e ficção pode ser questionado. Conceitos como o de simulação e de virtualidade igualmente tornam plausível a afirmação de que não vivemos no registro de uma única realidade, mas em redes constituídas de multi-realidades, engendradas pela atividade possibilitadora das ficções. Por sua vez, a admissão de diferentes realidades fortalece os argumentos em direção ao desenvolvimento de uma cultura estética sensível às diferenças, cujas dimensões sociais e políticas estão localizadas na luta contra todas as estratégias que silenciam ou negligenciam as distintas formas de sentir, conceber e experimentar o mundo. Além disso, essas multi-realidades indiciam também a formação de novos mapas culturais que sugerem à atividade teórico-científica uma ação interdisciplinar que viabilize, pela constituição de uma outra racionalidade, um entendimento amplo e sistêmico dos modos de produção do conhecimento do mundo e da realidade.

Nessa perspectiva, a instância de construtividade e de modelação criadora que a ciência, sede de um tipo específico de estetização, a epistemológica, guarda com as ficções literárias um certo diálogo, uma vez que a verdade e a realidade ganharam, por esse processo de estetização, o caráter de categorias estéticas. Noutros termos, a ciência, é um campo de estetização que realiza uma ação modeladora do mundo, constituindo um sistema social de produção de conhecimento sob as leis estéticas da ficção, tanto quanto a literatura dissolve o entendimento da verdade e da realidade como grandezas ontológicas, abrindo passagem para a questão da necessidade humana do emprego do fingimento.

Por suas múltiplas configurações, pelos conteúdos que agenciam, por alterarem o conhecimento e a realidade, a temática das ficções (literárias) não apenas reivindica outros acordos semânticos fora do eixo das oposições binárias e desqualificadoras, mas também encaminham como problema o redimensionamento de nossas relações com o conhecimento, a verdade e a realidade; enfim, com o próprio inventário de conceitos e valores que a cultura disponibiliza.

Assim, as ficções (literárias) inscrevem-se na atualidade como temáticas de alta complexidade, sobretudo em face das mutações antropológicas protagonizadas pelas sociedades midiático-digitais. Uma vez que transpuseram irreversivelmente todas as fronteiras do mundo e da vida, e sendo a um só tempo fruto e raiz da práxis humana, as ficções (literárias) ricocheteiam no centro da vida cotidiana, para provocarem o pensamento teórico.

Por esse motivo, tomando por empréstimo as reflexões de Hans Ulrich Gumbrecht, pode-se dizer que o legado de saberes facultado pelas ficções literárias, problematizado no marco das tensões das sociedades midiaculturais em seus

procedimentos diários e quase sempre imperceptíveis de estetização, convida-nos à assunção de um pensamento de risco, ou seja, um pensamento capaz de experimentar a fabulação de alternativas aos desafios contemporâneos que nos interpelam e assombram.